



A UCRANIEDADE NA POÉTICA DE TARÁS CHEVTCHENKO E HELENA KOLODY

Marta Beló¹
Dra. Rosana Gonçalves²

RESUMO: Busca-se acentuar pontos de consonância entre a poesia de Tarás Chevtchenko e Helena Kolody, principalmente em relação ao sentimento de ucraniedade que ambos os poetas expressaram em seus poemas. O poeta ucraniano e a poeta brasileira revelaram, resguardadas as suas particularidades e seus momentos de expressão, um amor incondicional pelo povo e pela cultura ucranianos, demonstrando aguda sensibilidade poética.

PALAVRAS-CHAVE: ucraniedade; lírica; Helena Kolody; Tarás Chevtchenko.

Introdução.

Este artigo pretende acentuar o tom patriótico da poesia de Tarás Chevtchenko e Helena Kolody, ressaltando suas características individuais, discutindo a temática da nacionalidade ucraniana do sentimento de exílio em seus poemas e buscando pontos de ressonância entre eles.

Tarás Chevtchenko é considerado o poeta maior da Ucrânia e sua refinada arte ajudou a redimir a língua ucraniana e a firmá-la no âmbito da literatura universal. Pela poesia, Tarás encorajou seus compatriotas, intimidados com a cruel opressão dos czares russos, a reagirem contra a servidão a que estavam submetidos pelos nobres, incentivando-os a lutarem pela independência da Ucrânia.

Embora tenha nascido no Brasil, Helena Kolody foi criada em um ambiente que procurava preservar a cultura ucraniana. Habitando em colônias de imigrantes ucranianos, ela teve como primeira língua a ucraniana, presente nas conversações familiares, nos ritos religiosos e no dia-a-dia de sua infância. Em muitos de seus poemas, Helena demonstra compreender os sentimentos que perpassaram o povo ucraniano, arrancado de suas terras por inúmeras guerras, e que, mesmo sendo acolhidos em terras brasileiras, conservaram o amor e a saudade pela terra natal, daí a luta pela preservação da sua cultura. Muitos dos seus poemas remetem à lembrança de Tarás Chevtchenko, o poeta revolucionário, ícone da resistência humana ao czarismo.

A presença de consonâncias entre os dois poetas será verificada a partir do método comparativo, essencial para os estudos literários, porque, por meio dele obtém-se resultados mais sólidos e juízos de valor mais convincentes.

¹ UNICENTRO

² UNICENTRO - rgon_1@hotmail.com

Esta afirmação encontra respaldo na definição de Claude Pichois e André Rousseau, presente no artigo “Para uma definição da literatura comparada”, que justifica tal prática:

A literatura comparada é a arte metódica, pela busca de laços de analogia, de parentescos e de influência, de aproximar a literatura dos outros domínios da expressão ou do conhecimento, ou então os fatos e os textos literários entre si, distantes ou não no tempo ou no espaço, desde que pertençam a várias línguas ou culturas, que façam parte de uma mesma tradição, para melhor descrevê-los, compreendê-los e saboreá-los. (APUD CARVALHAL & COUTINHO, 1994, p.216).

Vê-se, com isso, que pode-se, por meio da comparação, estabelecer analogias e buscar uma assimilação entre os diversos pontos, divergentes ou não, existentes entre determinados autores, assim como as peculiaridades que perpassam determinadas obras.

Segundo Tânia Franco Carvalhal (1994), o surgimento da Literatura Comparada presente no século XX, está relacionado com a corrente cosmopolita do século XIX, que faz referência à pessoa que vive em diversos países, julgando-a ser cidadã do mundo inteiro. Os pensadores mais destacados dessa área são Jean-Jacques Ampere, Villemain, Quinet, grandes escritores cosmopolitas da Idade Média, porém, o livro *Comparative Literature*, de M. H. Posnett, publicado em 1886, é o grande marco de inauguração das pesquisas comparatistas.

O grande impulso nos estudos comparativos aconteceu a partir da segunda metade do século XX e, no Brasil, foi marcado pela criação e admissão da Literatura Comparada como disciplina constante nos curso de Letras, por iniciativa dos professores La Fayette Cortes e Antonio Candido, na Universidade da Guanabara e na USP

Alguns acontecimentos dos anos 80 são pertinentes para melhor entendermos as origens da Literatura Comparada. Dentre os quais, Sandra Nitri (2000), destaca: a criação da ABRALIC-Associação Brasileira de Literatura Comparada no ano de 1986, em Porto Alegre, por ocasião do I Seminário Latino-Americano de Literatura Comparada; também o I Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada, em 1988 na UFRGS - Universidade Federal de Rio Grande do Sul e o II Simpósio de Literatura Comparada na UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais. De grande renome foi a publicação do livro *Literatura Comparada* de Tânia Franco Carvalhal, em 1986, destinado ao uso acadêmico.

Nesse contexto comparativo os escritores podem apoiar-se em fontes de outros escritores, estrangeiros até, com os quais têm a oportunidade de trocar ideias sobre os costumes, a política e as temáticas de uma forma geral, pois, conforme as palavras de Coutinho e Carvalhal (1994, p.225), “(...) a literatura comparada tece uma espécie de teia de aranha entre os autores de diversas

literaturas (...)", proporcionando com isso maior conhecimento e interação entre as literaturas de diversas nações.

Para Jean Marie Carre, estudar de forma comparada não é apenas levantar pontos em comum entre os autores, mas segundo Mario François Guiard, é levantar "(...) relações espirituais entre as nações, relações que de fato existiram, (...) entre as obras, as inspirações, até as vidas de escritores pertencentes a várias literaturas" (APUD CARVALHAL & COUTINO, p.7-8). ou seja, comparar, para ele, não é simplesmente confrontar temas ou ideias, mas é refletir os fatos históricos destacados por mais de uma obra e, a partir de então, torná-los mais visíveis.

Há anos, escritores e críticos vêm questionando a importância da Literatura Comparada para o ensino da literatura. São questões não apenas referentes a "o que é "ou "para que serve" esta literatura, mas sim questionamentos mais complexos e polêmicos como os levantados por Nitrini, nas considerações finais da sua obra *Literatura Comparada*, e que dão impulso para seu desenvolvimento:

Como ela está contribuindo efetivamente para o avanço e aprimoramento dos estudos, reflexões e leituras comparatistas que venham a ter desdobramentos frutíferos também no ensino? Estará ela contribuindo para o resgate do gosto de leituras de obras literárias e para o interesse em penetrar no mundo de outras culturas, pelo domínio da língua dessas culturas? Tem ela uma função humanista em nossos dias? Se não tiver, valerá a pena resgatá-la? Possui ou não um campo específico ou, pelo menos uma visada própria? Convém mantê-la como mera etiqueta? Tem ela futuro e perspectivas promissoras? Enfim, existe ainda uma razão para sua existência?" (NITRINI, 2000, p.289).

Por seu caráter mutável, adaptável e eclético, a literatura comparada pode ser ajustada às diferentes correntes ou áreas literárias presentes em cada época. Seu terreno, além de amplo, é fértil, por proporcionar uma interação entre autores de diversas tempos, espaços, gêneros, etc. Em síntese, Tânia Carvalhal diz que

(...) a literatura comparada compara não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a esse estudo literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e do objetivo a que se propõe (CARVALHAL, 1986, P.7).

A partir dessas perspectivas arroladas e pactuando com as mesmas reflexões e inquietações sobre as formas comparativas de se abordar o fenômeno literário, pretendemos estabelecer comparações entre o poeta ucraniano romântico Tarás Chevtchenko (1814-1861) e a poeta brasileira, de origem ucraniana, Helena Kolody (1912-2004), principalmente no que se refere ao sentimento de ucraniedade presente em seus poemas.

2) Um poeta da Ucrânia.

Filho de pobres camponeses ucranianos, Tarás Chevtchenko nasceu no dia 9 de março de 1814, na aldeia Mórystsi, na região de Zvenyghorod. Sendo o terceiro filho do casal, antes dele, nasceram Meketa e Katarena e, mais tarde, veio ainda Iarena, Ossep e Maria, que nasceu cega. Desde criança, Tarás teve uma vida sofrida. Aos nove anos de idade perdeu sua mãe, fato que o deixou muito abalado. Posteriormente, escreveu recordando aqueles tempos difíceis à margem da vila, numa vida excluída da sociedade:

Chego a tremer quando recordo
 Aquela casinha à margem da vila.

 Ali minha mãe me agasalhava
 E em panos enrolando-me cantava,
 Transferindo seus sentimentos de amargura
 Para seu filho; naquele bosque,
 O inferno eu via... (CHEVTHENKO,apud CZAIKOWSKI, 1999, p 07)

O lar familiar, por sua vez, tornou-se mais infernal quando seu pai casou-se com uma viúva que não o suportava. Inúmeras vezes, o pequeno Tarás precisou fugir e passar dias e noites escondido no bosque sem ter o que comer nem lugar para dormir. Sabendo disso, o pai começou a levá-lo junto nas viagens marcadas pelo seu patrão.

Além de um leitor assíduo, seu pai era convicto de que só a alfabetização poderia propor um futuro melhor para seus filhos, por isso, matriculou Tarás na escola da aldeia. Na qual um sacristão lecionava. A disciplina era rígida demais para Tarás, um menino esperto e inquieto. Por causa disso, mal sabendo ler, abandonou a escola.

Com onze anos de idade, Chevtchenko perdeu o pai. Para não morar com a madrasta e, sabendo que viera outro sacristão para a aldeia, foi morar com ele, tornando-se seu auxiliar em todas as tarefas. Nos ofícios fúnebres, cabia-lhe recitar os salmos que, de tanto repeti-los, sabia-os de cor.

Com esse novo jeito de viver, Tarás familiarizou-se ainda mais com os livros, com as palavras poéticas presentes nos salmos. Certa vez, o sacristão ficou embriagado, e Tarás cansado de ser injustiçado, deu-lhe uma bela surra abandonando-o e levando consigo apenas um livrinho de ilustrações feito com dobras de folhas de papel, compradas com a moeda que havia roubado do próprio professor; pois não era pago pelo serviço que realizava.

Sonhando em ser artista, em 1829 com quinze anos, viajou junto com seu senhor, um oficial de justiça do exército russo, para Varsóvia, porém, antes passaram por Vilna, na Lituânia e ficaram acomodados num palácio. O jovem artista impressionado com os quadros do palácio resolveu copiá-los, à luz de vela, mas foi

flagrado pelo severo patrão, que lhe deu uma tremenda surra. Em Varsóvia, seu patrão Pavló Engelhardt, encaminhou Tarás para estudar pintura pensando em, futuramente, tirar proveito próprio. Com o passar do tempo, o aprendiz fez amizades com outros artistas, dentre os quais Ivan Sochenko, estudante da Academia de Artes, e Ievhen Hreleinka, com a ajuda do qual Tarás teve acesso à mais completa biblioteca de São Petersburgo, podendo estudar os autores ucranianos, seus escritores prediletos. Sendo ainda servo, não era totalmente livre para usufruir da Academia, mas seus amigos arrecadaram dinheiro com a rifa de um quadro para conseguir a sua liberdade.

Escrevendo incansavelmente, logo publicou “Poslanei” (Mensagem), no qual, sem rodeios, critica os ricos e nobres que maltratam o povo e, sem medo, escreveu muitos outros nesta linha. Porém, as consequências não tardaram a chegar. No dia 5 de abril de 1847, quando chegou em Keyv para o casamento de seu amigo Kostomariv foi preso, incriminado pelos próprios poemas. Na prisão, enquanto aguardava o julgamento, escreveu 13 poemas, dedicando-os aos seus amigos que também tinham sido presos. Foi condenado a 10 anos de prisão e exílio para a cidade de Orenburg, obedecendo a mais severa disciplina, sendo até proibido de escrever e pintar. Mesmo assim, escrevia enquanto todos dormiam.

Em maio de 1848, o militar e geólogo russo Butakov, levou Chevtchenko para uma viagem científica até o mar Aral, para que este lhe desenhasse as paisagens daquela região. Tratado como profissional, o artista, desenhou e pintou livremente, aproveitando para escrever – compor poemas. Em outubro de 1851, retornou ao cárcere, porém, já tendo conquistado o comandante, conseguiu continuar escrevendo.

Finalmente, no dia 21 de julho de 1857 foi libertado, retornando para a Academia de Artes e especializando-se na arte da gravura. Junto com seus amigos, continuou trabalhando para o bem do povo ucraniano, editando livros e um jornal na língua ucraniana. Além desses, publicou a obra intitulada *Poesias de Taras Chevtchenko*. No entanto, a censura czarista, temendo maiores problemas com o governo, fez vários recortes na obra do poeta, mudando inclusive o título para *Kobzar*, publicada em janeiro de 1860, bastante desfigurada e incompleta.

Conseguiu voltar à Ucrânia em 25 de maio de 1859, pretendendo resgatar seus familiares da servidão. Por onde passava, Chevtchenko ia documentando sua passagem em obras poéticas. Estando com sua irmã Iarena, dedica-lhe o poema “Sestri” (a irmã), confortando-a.

Visitando seu primo Varfolomei, Chevtchenko, encontrou-se com o polonês Kozlówski e, após uma longa conversa foi acusado pelo mesmo de difamação contra a religião e blasfêmia contra as autoridades. Após o julgamento, foi mandado de volta para São Petersburgo, sendo proibido de voltar para Ucrânia. Sobreviveu os primeiros anos vendendo as suas pinturas e, somente em fins de 1859, a censura aprovou a publicação de seus poemas podendo aumentar a sua renda.

Marta Beló (G)/ UNICENTRO
 Dra. Rosana Gonçalves/ UNICENTRO
 A UCRANIEDADE NA POÉTICA DE TARÁS CHEVTCHENKO E HELENA KOLODY

Em 1860, publicou seu novo *Kobzar* aumentando ainda mais a sua fama. Em seus escritos, revelou-se preocupado com a libertação do povo, sempre desejando divulgar a história da Ucrânia, conscientizando e instruindo sua nação; por isso, com o seu dinheiro publicou uma cartilha chamada Bukvar (abecedário) para contribuir na alfabetização do povo. Nesta época, sua saúde estava bastante debilitada. Morreu em 11 de março de 1861, após ter completado 47 anos no dia 10 do mesmo mês.

3) Helena Kolody: vida e poética.

“São as palavras que decidem a sorte dos homens e o destino das nações.”(Helena Kolody)

Filha de imigrantes ucranianos, Helena Kolody, nasceu no dia 12 de outubro de 1912, na colônia de Cruz Machado. Seu pai Miguel Kolody, natural da Galícia Oriental, veio para o Brasil em 1894, um ano depois da grande epidemia de cólera que castigou a Ucrânia. Em 1911, sua mãe, Victória Szandrowska, também chegou ao Brasil. Ambos conheceram-se, casando-se em janeiro de 1912. Em 1980, Helena escreveu o poema “Saga”, no qual enaltece suas raízes e sua infância:

Vim da Ucrânia valorosa,
 que foi Russ e foi Rutênia. (...)
 vim de meu berço selvagem,
 lar singelo à beira d’água,
 no sertão paranaense.(...)
 Feliz menina descalça,
 Vim das cantigas de roda,
 dos jogos de amarelinha,
 Do tempo do “era uma vez...” (KOLODY, 1980, p.65)

Como se pode notar, a poesia de Helena traz à luz certa nostalgia, isto é, lembranças passadas de suas raízes da terra mãe – Ucrânia. Além disso, o eu poético rememora saudosamente os tempos de infância. Tempos onde as brincadeiras saudáveis realizavam e alegravam as crianças, porém, assim como Tarás, Helena enfrentou dificuldades na sua infância, vivendo situações parecidas, em momentos de crises financeiras enfrentadas na cidade, onde cada um cuida apenas de si sem preocupar-se com o próximo. Este contexto é narrado no poema “Reminiscência”:

Ai, como a casa pesava
 Na minha infância sombria!(...)

Marta Beló (G)/ UNICENTRO
 Dra.Rosana Gonçalves/ UNICENTRO
 A UCRANIEDADE NA POÉTICA DE TARÁS CHEVTCHENKO E HELENA KOLODY

A venda sempre vazia,
 De teias toda se enchia
 E o pó crescia no chão.
 Aquela gente não via.
 Aquela gente sem coração (...) (KOLODY,1941, p.148)

Nos versos seguintes do mesmo poema, temos a presença paterna que, assim como o pai de Tarás, que foi lutador e herói, da mesma forma o foi Miguel Kolody, nos momentos difíceis da sua família:

O Pai quase não falava
 Só fumava, só fumava!
 E já quase não sorria (...).
 Calado, o Pai refletia.
 Refletia e suspirava. (...)
 À noite o Pai recontava
 A magra féria do dia (...)
 Pai lutou, até que um dia,
 com ar de quem se matava,
 vendeu a casa sombria(...)" (KOLODY,1941,p.148)

Helena estudou piano, pintura e com 12 anos escreveu seus primeiros versos. Aos 16 anos, seu poema “A Lágrima” é publicado pela revista *Marinha*, de Paranaguá, em 1928. Conta a poeta em seu livro *Viagem no Espelho*, que aos vinte anos de idade já trabalhava como professora do Ensino Médio e na escola de professores de Jacarezinho. E também como inspetora de um colégio público.

Em 1941 publica *Paisagem Interior*, com haikais, forma poética de origem japonesa e tanka, que tem a mesma estrutura do haikai, porém, acrescida de dois versos heptassílabos. É considerada a mulher pioneira na publicação deste tipo de poemas no Brasil nos anos de 1941. Recebe o título de poeta mais importante do estado do Paraná, revelando pela poesia, sentimentos de solidariedade para com o povo inquieto diante da condição humana em que estavam.

Paisagem Interior contém 45 poemas, dentre os quais “Arco-íris”, “Prisão” e “Felicidade” eram haikais, sendo o primeiro o mais apreciado pelos seus leitores. Entre as inúmeras temáticas presentes em suas obras. ressalta-se: a brevidade da vida, a qual ora é exaltada, ora é recusada, o amor, a morte, a solidão e seus sentimentos de solidariedade para com seus antepassados.

Essa ilustre estrela que iluminou a todos seus irmãos ucranianos foi vencedora de vários concursos, tema de filme, peça teatral e teses universitárias; faleceu em Curitiba, em 15 de fevereiro de 2004, com 92 anos de idade, porém, deixou para nós os seus valiosos ensinamentos sobre o valor da vida, a busca dos ideais e a necessidade do sonho.

4) Um paralelo temático entre :Chevtchenko e Kolody

O poeta, em certas ocasiões, pode ser visto como aquele que de forma particular clama pelo seu povo, denunciando as injustiças, a falta de amor e solidariedade com o ser humano. Através de poemas, temos o conhecimento da história e dos acontecimentos passados, porém, para realizar esta tarefa, muitos desses corajosos poetas acabam entregando as suas vidas em prol de um povo, de uma nação.

Por meio de seus poemas, é possível dizer que, Chevtchenko e Kolody, cantam e encantam com suas poesias, narrando as alegrias e tristezas não só de suas vidas particulares, mas, sobretudo, de todo o povo ucraniano. A partir de suas biografias e de seus poemas, procuraremos ilustrar, por meio da análise comparativa, reflexões que tratam do exílio e da imigração ucraniana na perspectiva de ambos os poetas.

Livre, Tarás, finalmente conseguiu frequentar a Academia de Artes. A partir de então, tudo o que pensava e sentia sobre a sua Pátria, ele registrava em folhas de papel, guardando-as em uma caixinha. Certa vez, vem à casa de Hrebinka, na qual morava Tarás, o nobre ucraniano Petro Martos. Passando pelo ateliê do nosso poeta encontra ali uns versos manuscritos e encanta-se com o patriotismo do poema “Tarassova Nitch” (Noite de Tarás):

[...]
 (...) Ukraína entristeceu-se --
 esta é a sua sina!
 Entristeceu-se e chora,
 como criança pequena,
 ninguém a consola...
 Se os cossacos morrem,
 morre a glória, morre a pátria,
 não há como defender-se.

[...]
 Triste minha Ucrânia,
 pelos inimigos espezinhada!
 Ukraína, Ukraína!
 Minha mãe, querida!
 Quando de ti eu me lembro,
 o meu coração chora...

[...]
 Aquelas glórias do passado
 jamais apagaremos (...)

[...]
 As suas mãos
 não mais tocam.
 E, ao redor,
 meninos e raparigas

as lágrimas enxugam.
 Perambulando pelos caminhos
 e, vez em quando,
 tocar a kobza ele queria
 para espantar a sua sorte fria! (CHEVTHENKO,apud CZAIKOWSKI,
 1999)

Martos pega esse e mais sete poemas encarregando-se de publicá-los. Esta coletânea é lançada em 1840 com o nome de KOBZAR. Esses momentos de tristeza vivenciados pelo povo ucraniano, certamente, acompanharam-no por muitos anos de lutas e guerras.

Tarás Chevtchenko é considerado um profeta por seus poemas com temática nacional. Nos versos de “Testamento”, escrito no final de sua vida, o poeta deseja permanecer na memória do povo, com a esperança de conseguir mudar as mentes humanas através da sua poesia. Vendo o povo injustiçado é explícita a revolta de Tarás, até com Deus, a quem diz não conhecer. É forte, também, o seu amor pela pátria mãe, onde, mesmo morto deseja permanecer:

Quando eu morrer, sepultem-me
 numa colina
 em meio à estepe ampla,
 na amada Ucrânia,
 Para que eu possa ver
 os vastos campos semeados,
 o Dnipro, as escarpas
 e ouvir como ruidoso, ele rugem!
 Quando for levado da Ucrânia
 ao mar azul,
 o sangue inimigo... eu tudo deixarei,
 campos, montes

e até a Deus voarei para rezar.
 mas até então... a Deus desconheço!
 Sepultem-me e levantem-se,
 quebrem as algemas
 e com o mau sangue inimigo
 reguem a liberdade!
 E não deixem de recordar-me
 na grande família,
 na família livre, nova,
 com uma boa,
 suave palavra! ((CHEVTHENKO,apud CZAIKOWSKI, 1999, p 14).

Da mesma forma, entre os inúmeros poemas de Helena podemos encontrar alguns dedicados aos antepassados de sua nação, como forma de amor e carinho aos seus co-irmãos ucranianos. Exemplo disso, é o poema “Atavismo”, onde a própria palavra significa - reaparição, em um descendente, de certos caracteres de um antepassado.

Quando estou triste e só, e pensativa assim,
 É a alma dos ancestrais que sofre e chora em mim.
 A angústia secular de uma raça oprimida
 Sobe da profundidade e turva a minha vida.

Certo, guardo latente e difusa em meu ser,
 A remota lembrança dos dias amargos
 Que eles viveram sem a ansiada liberdade.
 Eu que amo tanto, tanto, os horizontes largos,

Lamento não ser águia ou condor, para voar
 Até onde a força da asa alcance a me levar.
 Ante a extensão agreste e verde da campina,
 Não sei dizer por que, muitas vezes, senti
 Saudade singular da estepe que não vi.

Pois, até o marulhar misterioso e sombrio
 Da água escura a correr seu destino de rio,
 Lembra, sem o querer, numa impressão falaz,
 O soturno Dnipro, cantado por Tarás...

Por isso é que eu surpreendo, em alta intensidade,
 Acordada em meu sangue, a tara da saudade (KOLODY, 1941, p.
 182).

Neste poema, são expressos os sentimentos e os conflitos de Helena em terras estrangeiras, bem como as suas ligações sanguíneas com os antepassados. Faz memória também, à natureza da Ucrânia, especialmente ao rio Dnipro já cantado por Tarás Chevtchenko, de quem, inclusive, traduziu versos. A respeito deste poema, é importante conhecermos o que nos diz Nicolas Hec, o prefácio à *Luz Infinita*:

Em algumas poesias, começando pela primeira coletânea de 1941 (Paisagem Interior), Helena frisa claramente sua conexão sanguínea e espiritual-atávica com a pátria de origem, a Ucrânia, com sua história, com seu povo, sua vontade de liberdade e, finalmente, com a imigração ucraniana e sua luta. Aquela pátria original com seu povo sofredor e sedento de liberdade

acorda na alma da poeta, na lembrança de seu sangue, um sentimento pungente de dor, de sofrimento. “A alma dos ancestrais sofre e chora em mim”. Porém, a imaginária paisagem ucraniana “estepes de urzes floridas”, “bosques de bétulas”, o “Dnipro” cantado por Tarás” e os cânticos ucranianos enchem a poeta com saudade antiga e aquecem seu coração com ternura e alegria (HEC, 1987).

Naturalmente, percebemos a forma diferenciada que cada um dos poetas narra sobre a mesma temática. Tarás descreve sobre o exílio contando, inclusive, as próprias experiências vividas e da mesma forma o faz com as lutas e guerras enfrentadas pelo povo ucraniano, as quais presenciou. Helena, porém, poetiza os fatos e histórias que ouviu de imigrantes ou nas leituras dos versos de Tarás, os quais traduziu, e a partir desse conhecimento expressou seus sentimentos diante do povo que viveu oprimido na Ucrânia.

Através do seu poema “Lição”, dedicado em memória à avó Nastácia, é possível perceber que o sentimento de exílio sempre acompanhou a poeta, a qual vivia em sua terra natal - o Paraná, aprendendo as tradições e as memórias da família eslava, conforme deixa descrito nos versos:

A luz da lamparina dançava
 frente ao ícone da Santíssima Trindade.

Paciente, a avó ensinava
 a prostrar-se em reverência,
 persignar-se com três dedos
 e rezar em língua eslava.

De mãos postas, a menina
 fielmente repetia
 palavras que ela ignorava,
 mas Deus entendia. (KOLODY, 1980, p.31)

Durante a sua carreira de poeta, Chevtchenko sofreu influência do Romantismo, porém, tratou seus versos a seu próprio modo e meio de expressão. Iniciou os primeiros versos no exílio, em folhas dobradas em forma de caderninho, as quais eram escondidas dentro das suas botas, por isso, seus poemas foram chamados de “Zahallávni” = “dentro do cano da bota”.

Poemas meus, poemas meus!
 Sois só o que me resta!
 Ao menos vós não me abandoneis
 Na hora da desgraça!... (CHEVTCHENKO, apud CZAIKOWSKI, 1999,
 p.23)

Nos versos acima, Tarás deixou claro o seu espírito poético e o seu grande amor pela escrita - a sua única amiga fiel companheira até na hora do exílio com a qual pode humanizar e ensinar o mundo.

Além dos temas folclóricos, inspirou-se de forma particular na trágica história da Ucrânia a qual vivenciou, diferentemente de Helena, que apenas a conheceu pelos outros. Para o poeta, segundo o que nos fala Mariano Czaikowski” O passado da Ucrânia era para ele não só uma fonte de tristes recordações e melancólica meditação, como também uma ferida aberta que não parava de sangrar.”(CZAIKOWSKI, 1999, p.38). No poema “O Sonho”, vemos em alguns versos o poeta querendo livrar-se de toda essa tristeza: “Voa tu, meu canto, meu cruel castigo, /Leva junto mágoas lágrimas e dor, /Tua companhia, teu amor amargo”. Seus sentimentos de angústia e dor perpassam também o poema “Pensamentos”, no qual, a questão da indiferença entre as nações foi bem trabalhada:

Ninguém indagaria por que choro,
 Por que arrasto essa angústia pelo mundo
 E meu destino triste assim deploro.
 Ninguém me chamaria vagabundo,
 Rindo da minha dor com riso alvar (CHEVTHENKO,apud
 CZAIKOWSKI, 1999, p.29).

Nos versos acima, vislumbramos um poeta solitário, angustiado, porém, nos versos de “O Sonho”, é marcante o desejo de confraternização entre as nações, embora Tarás revolte-se contra os tiranos, não importando se eram estrangeiros ou nacionais:

Aos empurros - um patricio.
 Dei uma topada
 Nos botões de zinco. “Donde
 Vieste, camarada?”
 “Da Ucrânia.” “Não conheces
 A fala erudita
 Das pessoas cá do Norte?”
 “A linguagem dita
 Sei falar, porém não quero”.
 “És estranho, vejo,
 Mas eu sirvo aqui e conheço
 Todos os manejos (CHEVTHENKO,apud CZAIKOWSKI, 1999, p 43).

Em visita à Ucrânia, em 1845, o poeta ficou decepcionado com a questão social. O povo já havia esquecido o passado e vivia apenas preocupado com o materialismo. Revoltado com o império dos tzares russos, que haviam destruído a

Marta Beló (G)/ UNICENTRO
 Dra. Rosana Gonçalves/ UNICENTRO
 A UCRANIEDADE NA POÉTICA DE TARÁS CHEVTCHENKO E HELENA KOLODY

liberdade do povo, começou a escrever mais criticamente. Escreveu, nessa época, o poema “Cáucaso”, expressando a sua idéia e revolta sobre a política:

Além das montanhas - montanhas veladas,
 De dores cobertas de sangue regadas.
 Uma águia potente
 Ao titã injura,
 O coração despedaça,
 O peito perfura,
 Dilacera. (...). (CHEVTHENKO, apud CZAİKOWSKI, 1999, p.30).

Nestes versos, é possível perceber toda a pressão da Rússia czarista sobre a Ucrânia: a águia do poema é uma metáfora usada para designar Rússia com todos seus poderes que oprimia e dilacerava a Ucrânia, nomeada no poema como titã por ser eterna. Segundo Mariano Czaikowski (1999), Chevtchenko tinha o sonho de tornar a língua ucraniana uma língua universal.

Referindo-se à universalidade e à ideia de transitoriedade do poeta, Helena Kolody afirma:

Seu livro - Kobsar - passa de pais a filhos, como herança sagrada;
 a tradição oral transmite seus poemas de geração em geração
 como se fossem orações. Repassados de acendrado amor, seus
 versos mantêm vivo no coração ucraniano o sentimento da pátria,
 o anseio de liberdade, a lembrança do passado heróico. Poder-se-ia
 dizer que seus poemas fazem ecoar na alma dos ucranianos,
 dispersos por todos os quadrantes do mundo, as palavras do Hino
 Nacional: “A Ucrânia ainda não morreu” (KOLODY, 1962, p. 2).

Os poemas “Cáucaso” e “O Sonho” foram os que tiveram maior peso para que o exílio de Tarás se concretizasse. No último, é nítida a crítica ao sistema político, que, conforme o poeta, age com extrema falsidade:

Cada qual tem seu destino,
 Seu caminho vasto;
 Um constrói, um destrói:
 Com olhar nefasto
 Os confins do mundo mede,
 Busca a terra nova
 Para espoliar e consigo
 Levar para cova.
 Um descasca com baralho
 Uma casa amiga,
 Um afia as escondidas
 A arma fratricida.

Marta Beló (G)/ UNICENTRO
 Dra.Rosana Gonçalves/ UNICENTRO
 A UCRANIEDADE NA POÉTICA DE TARÁS CHEVTCHENKO E HELENA KOLODY

Um, quietinho, piedoso,
 Manso, mas atento,
 Como um gato se aconchega,
 Aguarda o momento -
 Zás!Teu fígado perfuram
 Garras venenosas;
 Não adianta choros-rogos
 Dos filhos, da esposa. (...) (CHEVTHENKO,apud CZAIKOWSKI,
 1999, p.58)

Tarás sonhava em ajudar seus compatriotas a reagirem contra a servidão e a lutarem pela sua independência e, por isso, dizia incentivando-os:

“Lutai irmãos, e vencerei!
 Esta é nossa cina:
 Conosco esta a liberdade
 E a verdade divina”. (CHEVTHENKO,apud CZAIKOWSKI, 1999,
 p.30)

Também Helena faz alusão aos dominadores da Ucrânia no poema “Saga”, quando refere-se aos Vikings, que foram os primeiros a dominarem o país deixando marcas inesquecíveis para o povo ucraniano:

Vim dos vikings navegantes,
 Cujas naus aventureiras
 Traçaram rotas nos mapas.
 Ousados conquistadores
 Fundaram Kiev antiga,
 Plantando um marco na história
 De meus ancestrais (...).

E, ainda na 3ª estrofe, nos dois primeiros versos, fala da formação da Ucrânia como Estado: “Vim da Ucrânia valorosa, / que foi Russ e foi Rutênia.”. Nos dois versos seguintes, a poeta lembra a luta enfrentada pelos imigrantes que saíram do seu berço de origem à procura de melhora, movidos pelos sentimentos de esperança e saudade :

Vim das levas imigrantes
 Que trouxeram na equipagem
 A coragem e a esperança.

Marta Beló (G)/ UNICENTRO
 Dra. Rosana Gonçalves/ UNICENTRO
 A UCRANIEDADE NA POÉTICA DE TARÁS CHEVTCHENKO E HELENA KOLODY

Em sua luta sofrida,
 Correu no rosto cansado,
 Com o suor do trabalho,
 O quieto pranto saudoso (...). (KOLODY, 1980, p.65)

Nos versos de “Imigrantes eslavos”, temos o encontro do avô, certamente imigrante, com seu neto, ao qual vai contando as experiências vividas, numa língua confusa, contudo, compreendida pelo neto que se alegra e aprende sobre a sua cultura com essas histórias:

Cabeça branca do neto.
 Cabeça branca do avô.
 Luar noturno e geada,
 Que é orvalho da madrugada.

Vão conversando... E se entendem
 Numa língua difusa:
 O mesmo vago sorriso,
 A mesma fala confusa. (KOLODY, 1951, p.146)

O poema intitulado “Emigrante” trata das problemáticas dos imigrantes ao deixarem a sua terra natal - a saudade:

Treme, na
 lágrima de olhar,
 A paisagem da pátria.

O mar o envolve e acorda
 no emigrante o desejo de aventura,
 de partir em “busca duma terra prometida.

Quem dilacera assim,
 entre a saudade e a esperança,
 o coração do emigrante?
 É a vida... é a vida... é a vida. (KOLODY, 1991, p.75)

Outro poema seu que faz alusão ao imigrante é “Origem”, pois na 1ª estrofe temos a metáfora “na memória do sangue” usada para falar da consanguinidade da poeta e também relembra as canções eslavas no quarto verso:

Na memória do sangue,
 há bosques de bétulas,
 estepes de urzes floridas,
 canções eslavas.
 Arde o trópico nos nervos.

Crepita a alegria da jovem pátria.
 A alma se aquece na chama das cores.
 Dança o coração em ritmo sincopado. (KOLODY, 1988, p.82)

Seguindo a mesma temática, os poemas históricos da obra chevtchenkiana são os mais significativos. Os mesmos eram contados pelo velho Kobzár como nos diz o poema “Perebendia”:

Quem não o conhecia?
 Anda por todo lugar
 E a Kobza toca.
 Pois, quem toca é conhecido
 E o povo lhe agradece. (CHEVTHENKO,apud CZAIKOWSKI, 1999).

Tentando agradar seu vasto público, o Kobzar-Trovador, geralmente um ex-guerreiro cego, que declamava poemas épicos ao som da Kobza contava diversas histórias de antigos cossacos ou cantigas de saudade e religiosas.

O romantismo de Tarás destaca-se, essencialmente, pelo ardente amor ao passado ucraniano, rememorando a vida dura e amarga de um povo que não mediou esforços para conquistar a independência. E tudo isso foi sendo registrado em sua língua mãe formando a coleção de versos “Kobzar”, que é a grande referência da literatura ucraniana. O poema “Hamaliya” ou “Gamaliya” narra as lutas dos comandantes com sobrenome Hamaliya contra Üsküdar -subúrbio de Estambul:

[...]

Canhões, em trovoada, sobre Üsküdar
 - o inimigo geme, de raiva se desfaz como fumaça;
 como se fora uma montanha insuperável e invencível
 dos kozaky a força destruidora e destemida avança.
 – Por fim, renderam-se os soldados,
 rolando sós, abandonados pelos campos.

Hamaliya sobre a Üsküdar –
 como se pelo inferno passeasse,
 ele próprio masmorras rebenta...
 “Voem, pássaros cinzentos,
 ao quinhão da pátria!”

Agitaram-se os falcoeiros,
 já há muito não se ouvia –
 dos cristãos a língua nobre.
 Também, a noite agitou-se:
 jamais tinha visto tanto festim dos kozaky.
 Não! Não se apavorem, vejam –
 este é o banquete dos kozaky...

[...] (CHEVTHENKO, apud CZAIKOWSKI, 1999)

“É-me indiferente”, de 1847, além de ser um desabafo de todo desânimo de Chevtchenko diante dos problemas que ele não conseguia resolver, mostra, também, a convicção do poeta de ter nascido no exílio e de não importar-se em nele morrer.

Já não me importa... É-me indiferente
 Que eu morra na Ucrânia, ou algures,
 Que alguém me lembre, ou me olvide
 Sozinho entre as neves do exílio,
 Ai, não me importa, não me importa!
 Cresci no exílio, como escravo,
 Pois, exilado morrerrei
 E tudo levarei comigo.
 Não deixo nem um rasto leve
 Em nossa Ucrânia tão gloriosa,
 Em nossa pátria escravizada.
 Não lembrará o pai ao filho,
 Não lhe dirá: “Ai, reze, filho,
 Pois, pelo amor que teve à Ucrânia,
 Outrora, foi sacrificado...”
 E não me importa que esse filho
 Reze, ou não reze por minh'alma.
 O que me dói é que homens maus
 A Ucrânia embalam com mentiras
 E um dia a acorde o incêndio e o roubo.
 Ai, isso, sim é que me importa! (CHEVTHENKO, apud
 CZAIKOWSKI, 1999)

Considerações finais.

Tendo por certo que a Literatura Comparada permite a aproximação de literaturas distintas ou não, foi possível realizar a leitura dos poemas de Helena Kolody e Tarás Chevtchenko e perceber o grande amor que ambos sentiram pela Ucrânia. Suas obras tornaram-se expressões artísticas de valores e tradições de um povo, nas quais encontramos histórias de vida com significativa profundidade.

Suas ideias e seus anseios eram os mesmos: lutar pelo seu povo e preservar a sua cultura. O eu lírico de ambos é projetado para o exterior tornando-se conhecido pelos leitores. Tarás foi exilado por ter exposto ao mundo as suas ideias, a sua visão diante da crueldade vivenciada pelo povo ucraniano.

O poeta ucraniano pretendia, de uma forma poética e singela, acordar os sentimentos de solidariedade humana acovardados pelos czares, assim como incentivar o povo ucraniano a lutar pelo que lhe pertencia, a independência do país.

Tarás, além, de grande poeta-historiador, foi também um pedagogo que conseguiu reavivar no coração do povo ucraniano a chama a liberdade e ao nacionalismo.

Em alguns dos seus poemas, Tarás desabafa, contando as amargas e terríveis lutas deste povo, porém, nada lhe abala, nem mesmo os terríveis exílios, aos quais foi submetido. Com este grandioso poeta podemos aprender a amar e a valorizar ainda mais a nossa pátria e a nossa cultura.

Influenciada pelos versos de Tarás, Helena conhece o sofrimento do seu povo e, abismada com essa realidade, dedica alguns de seus poemas homenageando seus antepassados. Neles, perpassa o grande amor e a saudade pela pátria de seus antepassados, tão injustiçada e sofrida, numa linguagem simples, clara e cativante, nem por isso menos profunda e reflexiva.

Enfim, a partir da lição desses dois poetas, seus leitores são levados à percepção de que é possível aprender a dar mais valor a sua própria cultura, inclusive porque, em um dos poemas, Tarás aconselha: “Estudem meus irmãos!/Pensem, leiam/ aprendam o que é dos outros, /não se afastem do que é seu”.

Seu conselho é de caráter universal e atemporal, valendo para todos os povos de diferentes épocas e culturas.

Referências bibliográficas e obras consultadas.

BARBOSA, João Alexandre: *As Ilusões da Modernidade*: notas sobre historicidade da lírica moderna. São Paulo. Perspectiva, 1986.

CARVALHAL, Tânia Franco & COUTINHO, Eduardo. *Literatura Comparada*: textos fundadores. Rio de Janeiro, 1994.

CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura Comparada*, Ática, São Paulo, 1986.

CZAIKOWSKI, Mariano. *Taras Chevtchenko, o poeta da Ucrânia*. Curitiba: 1999.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*: da metade do século XIX a meados do século XX. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1991.

HEC, Nicolas. Helena Kolody: biografia. In: KOLODY, Helena. *Luz infinita*. Curitiba: Museu-Biblioteca Ucranianos em Curitiba da União Agrícola Instrutiva, Clube Ucraino-Brasileiro, Organização Feminina, 1997. [bilíngüe: português e ucraniano] In: Boletim Informativo da Congregação Mariana da Paróquia Imaculado Coração de Maria de Irati, ano 1, n 9, de 28 de out. a 24 de nov. de 2006.

Marta Beló (G)/ UNICENTRO
 Dra. Rosana Gonçalves/ UNICENTRO
 A UCRANIEDADE NA POÉTICA DE TARÁS CHEVTCHENKO E HELENA KOLODY

<http://mykszoma.wordpress.com/2009/03/25/taras-h-shevchenko-hamaliya/>

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Haikai-acesso:09/02/2009/10:00hr>

<http://www.rcub.com.br/index.php?pag=detalhe&codconteudo=321&codmenu=94>
 In: www.comunidadeucraniana.com.br/.../9_edicao.pdf

KOLODY, Helena. *Ontem Agora: poemas inéditos*. Curitiba: SEEC, 1991.

_____. *Paisagem interior*. Curitiba: Escola Técnica de Curitiba, 1941.

_____. *Sinfonia da vida*. Organização: Teresa Hatue de Rezende. Ed. Ietraviva /Pólo Editorial do Paraná, 1997

_____. *Infinito Presente*. Curitiba: Repro-set, 1980.

_____. *Luz infinita*. Curitiba: Museu-Biblioteca Ucrânicos em Curitiba da União Agrícola Instrutiva, Clube Ucrâno-Brasileiro, Organização Feminina, 1997. [texto bilíngüe: português e ucraniano]

_____. *Sinfonia da vida*. REZENDE, Tereza Hatue de. (org.) Curitiba: Pólo Editorial do Paraná, 1997.

_____. *Viagem no espelho*. Curitiba: Criar, 1988.

Luísa Cristina dos Santos Fontes. (UEPG-UFSC). *Alteridade Eslava em Helena Kolody*. In: www.uesc.br/.../LUIISA%20CRISTINA%20DOS%20SANTOS%20FONTES.

NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada: história, teoria e crítica*. 2ª ed. São Paulo: EDSP, 2000.

Marta Beló (G)/ UNICENTRO
Dra.Rosana Gonçalves/ UNICENTRO
A UCRANIEDADE NA POÉTICA DE TARÁS CHEVTCHENKO E HELENA KOLODY

ABSTRACT: We intend to emphasize the consonance points between Tarás Chevtchenko's poetry and Helena Kolody's poetry, mainly in relation to ucranian feelings that both poets has expressed in their poems. The ucranian poet and the brazilian poet has revealed with their particularities and their expression moments an incondicional love for the nation and the ucranian culture, showing high poetic sensibility.

Recebido em 24 de maio de 2010; aprovado em 31 de junho de 2010.